

## **Rádio Nacional da Amazônia e o Programa Mundo Mulher: um espaço para a Voz Feminina em um Cenário de Repressão<sup>1</sup>**

Cláudio Chaves PAIXÃO<sup>2</sup>  
Mestre

Alan Milhomem da SILVA<sup>3</sup>  
Mestre

Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO

### **Resumo**

O objetivo deste trabalho é analisar a proposta de um programa dedicado ao público feminino, *Mundo Mulher*. A produção estreou na Rádio Nacional da Amazônia, em 1978, quando a emissora tinha pouco menos de um ano e funcionava como meio de integração entre o Governo Militar<sup>4</sup> e os ouvintes da Amazônia. Para compreender a abordagem do programa, considera-se os seus quadros e os assuntos que eles tratavam. O trabalho também destaca a presença feminina no rádio, assim como o surgimento da Rádio Nacional da Amazônia e o espaço direcionado às mulheres dentro da sua programação. O trabalho se baseou em estudos bibliográficos e de documentos. Verificou-se que o programa reforçava a ideia das mulheres como dona de casa, boa mãe e esposa, mas também abordava temas que sinalizavam uma nova realidade surgindo para esse público.

**Palavras-chave:** História da Mídia Sonora; Rádio Nacional da Amazônia; Mundo Mulher; Rádio.

### **Mulher e Imprensa: o caminho até os microfones**

A história da imprensa brasileira, conforme Buitoni (1981), começa no século XIX, principalmente com a chegada de D. João VI ao Rio de Janeiro. A imprensa da época tinha como referência principal os valores culturais da Europa. Além de moda, trazia outras informações de interesse feminino: a literatura, sob a forma de novelas, poesias e contos, quanto às artes de maneira geral baseada, principalmente, nos costumes franceses. Este modelo permaneceu até o modernismo da década de 1920.

Ainda segundo Buitoni (1981), o primeiro jornal feminino brasileiro teria sido o carioca “O Espelho Diamantino”, de 1827. Ele é classificado como: “periódico de política,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT História da Mídia Sonora, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

<sup>2</sup> Jornalista e mestre em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal do Tocantins (UFT – Campus Palmas). Membro do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Multimídia (NEPJor-UFT) e do Coletivo 50 Graus – Grupo de Pesquisa e Prática Fotográfica (UFT). E-mail: ccpaixao@gmail.com.

<sup>3</sup> Jornalista e especialista em Assessoria de Comunicação pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA – Campus Imperatriz). Mestre em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Membro do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Multimídia (NEPJor-UFT). E-mail: milhomemalan@gmail.com

<sup>4</sup> Regime autoritário que teve início com o golpe militar, em 31 de março de 1964, e resultou na deposição do presidente João Goulart. Durou 21 anos (1964-1985), estabeleceu a censura à imprensa, restrição aos direitos políticos e perseguição policial aos opositores do regime.

literatura, belas-artes, teatro e modas, dedicado às senhoras brasileiras” (FONSECA *apud* BUITONI, 1981, p. 12). O surgimento da imprensa feminina reflete as transformações pelas quais a sociedade brasileira passava. Por muitos anos refletiu, e em alguns casos ainda reflete, a condição feminina como dona de casa, boa mãe e esposa.

Essa imagem da mulher adentra o século XX e só começa a passar por transformações após a Semana de Arte Moderna de 1922, na qual artistas e intelectuais renovaram a linguagem, alteraram conceitos e derrubaram tabus. Nesse cenário despontam as pintoras Anita Malfatti e Tarsila do Amaral. Os acontecimentos dessa época refletem diretamente nas publicações direcionadas às mulheres no século XX, que em sua maioria continuam sem se preocupar diretamente com a participação ativa da mulher na sociedade. “A efervescência do Modernismo traduziu-se, em termos editoriais, numa série de revistas literárias que apareceram durante a década, extravasando em texto parte desse movimento cultural mais amplo que atingiria todas as formas de expressão artística” (BUITONI, 1981, p. 48).

Ainda em 1919, um novo meio de comunicação começava a dar seus primeiros passos no Brasil, o rádio. Vaz Filho (2020), citando edição de março 1932, da extinta revista mensal Radiocultura, destaca o surgimento da Rádio Club de Pernambuco como uma expressão masculina. “O Radio Club de Pernambuco, como já tivemos ocasião de dizer, foi fundado em 6 de abril de 1919, sendo portanto a mais antiga instituição de Radio-Difusão existente em nosso Continente”. (RADIOCULTURA *apud* VAZ, 2020, p. 2).

Na primeira década da história do rádio brasileiro, as mulheres estiveram longe dos microfones. A propaganda também era proibida nas emissoras de Rádio, que sobreviviam por meio de associações formadas pelos poucos ouvintes que tinham condição de comprar um aparelho. Nessa época, a representação da imagem feminina na imprensa era admitida como sacerdotisa da beleza, com um enfoque no espiritual e no cultivo do belo. (BUITONI, 1981, p.63).

A década de 1920 terminou sem muita novidade no campo das conquistas femininas. Na década posterior, o rádio, como um meio de comunicação ainda incipiente, sofreu algumas transformações, a publicidade foi permitida por meio de um decreto assinado pelo presidente Getúlio Vargas. (BRASIL, 1932). Em consequência dessa novidade, o rádio passou a usar de seu potencial para conquistar novos mercados e achou na mulher um público-alvo promissor e bastante consumista. Assim começaram as produções direcionadas ao público feminino. Tesser (2011) relata que as primeiras experiências femininas no rádio começaram pelos

programas de auditórios que recebiam calouras e depois vieram as participações femininas em peças de radioteatro.

Foi também nos anos 1930, após a liberação da propaganda, que as emissoras passaram a ocupar o horário com uma programação mais elaborada, e assim surgiram programas segmentados, para atingir um universo maior de ouvintes. Nesse período, as mulheres começaram a apresentar programas infantis e femininos, nas emissoras do eixo Rio de Janeiro e São Paulo. Um nome feminino sempre ligado à história do rádio é o de Ismênia dos Santos. Na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, Ismênia foi locutora e radioatriz. Durante sua carreira fez programas femininos, humorísticos e, em 1936, tornou-se a “Vovó da Rádio Nacional” com o programa *Hora dos Garotos*. “Comandou o *Programa das Damas* em que lia crônicas de Genolino Amado e ensinava fundamentos sobre beleza, conseguindo um grande número de fãs”. (TESSER, 2011, p. 141).

Nos anos seguintes, os programas com a presença feminina estavam na grade de quase todas as emissoras e todos eles tinham em sua linha editorial conteúdos que tratavam as mulheres restritas ao ambiente doméstico, como mãe, esposa, dona de casa ou como alienadas pelo consumo de produtos de beleza. Nessa época, os artistas das emissoras de rádios eram destaque na imprensa, e, conforme Calabre (2003), esse meio de comunicação viveu sua “era de ouro” (décadas de 1940 e 1950), com produções que cada vez mais atraíam os brasileiros, em especial as mulheres que acompanhavam as melodramáticas radionovelas.

O rádio vivia assim um processo de mercantilização, em que as mercadorias eram integradas aos programas chegando a dar o seu nome a eles. Os artistas das grandes emissoras, do eixo São Paulo e Rio de Janeiro, são popularizados e se tornam os principais atrativos para garantir a presença do público nos programas de auditório. Criou-se um cenário propício para outro grande sucesso da época, e que envolvia especialmente as cantoras, o concurso que elegia a rainha do rádio, criado em 1936, e que nos anos seguintes movimentou o auditório da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, palco de uma acirrada disputa entre os fãs-clubes das cantoras Emilinha Borba e Marlene, principalmente entre 1948 e 1950. Na década de 1940, o destaque entre os programas femininos foi *O Mundo Não Vale o Seu Lar* apresentado por Sagamor Scuvero, na Rádio Mayrink Veiga.

No rádio, além da participação nos programas de auditórios e nas radionovelas as mulheres apresentam programas voltados ao público feminino e infantil. Nessa época a consciência de gênero passava longe das programações radiofônicas. As mulheres começaram a ser vistas pelo seu potencial de consumo, no papel de dona de casa e de mãe.

Em 1951, foi ao ar pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro o maior fenômeno de audiência em radionovelas em toda a América Latina: *O Direito de Nascer*, que ficou no ar por quase dois anos. A trama contava com texto do cubano Félix Caignet e adaptação de Eurico Silva. No elenco estavam Nélio Pinheiro, Paulo Gracindo, Talita de Miranda, Dulce Martins, Iara Sales, entre outros. (CALABRE, 2004).

As mulheres continuaram figurando nos programas de auditório. O concurso que elegia a rainha do rádio se estendeu até 1958, com Julie Joy sendo a última eleita. Quando venciam os concursos, as artistas tinham direito a participação exclusiva nos programas de rádio. Muitas delas tiveram seu próprio programa. Na década de 1960, a mulher assume um papel importante na sociedade de consumo, entra para o mercado de emprego, começa a trabalhar fora de casa e passa a ter poder aquisitivo. Essa se torna a principal característica considerada pelos meios de comunicação, que passam a estimular o interesse por diferentes produtos através de anúncios.

No cenário político brasileiro, em 1964, vem o Golpe Militar, marcado por um regime ditatorial que durou 21 anos e levou milhares de brasileiros a viverem em um clima de tensão, com o descompasso entre a consciência popular e a repressão política. Apareceram nesse cenário os movimentos estudantis, que faziam parte de uma esquerda engajada e nacionalista, que impactava a luta política e a produção cultural, principalmente no campo do teatro e da música, que em muitas situações eram transformadas em instrumentos para reivindicações. Todo esse cenário reflete diretamente na sociedade e na programação das emissoras de rádio que, assim como toda a imprensa, passou por censura.

### **A Resistência Feminina e o surgimento da Rádio Nacional da Amazônia**

A partir de 1964, assim como em vários países latino-americanos, os movimentos de mulheres, juntamente com os demais movimentos populares, foram silenciados pela Ditadura Militar. Surgem, em consequência, os movimentos de resistência das mulheres à ditadura, ligados aos movimentos de oposição. A imprensa está sob censura, tudo precisa passar pelo crivo do governo militar, mas o movimento de mulheres resiste.

Desde 1968, aliado ao processo de modernização, o mundo vive um período de efervescência cultural e mudanças de comportamento sociais e sexuais. No mesmo contexto do cenário político autoritário, o Brasil também vive um processo de modernização que resulta na incorporação das mulheres no mercado de trabalho e na ampliação do sistema

educacional, fatores que contribuem para o fortalecimento dos movimentos femininos. “O movimento operário que se organizou nos anos 1970 é seguramente o ator mais importante neste cenário. Os movimentos de mulheres constituem a novidade”. (SOUZA-LOBO, 1991, p. 269).

Durante a ditadura militar, as mulheres chegam à frente nos movimentos populares de oposição, criando suas próprias formas de organização, lutando por direitos sociais, justiça econômica e democratização. Nascendo nesse contexto, o feminismo brasileiro foi parte dos movimentos sociais que começaram a agitar o país e esteve amplamente articulado ao momento político da época e se caracteriza como um movimento de contestação. (SARTI, 2004, p. 3).

Muitos fatores contribuíram com o desenvolvimento do feminismo brasileiro na década de 1970. O ano de 1975 é declarado pela Organização das Nações Unidas (ONU) como o Ano Internacional da Mulher. Cria-se assim um cenário de visibilidade dos movimentos feministas. Em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte foram realizadas várias atividades públicas, reunindo mulheres para discutir a condição feminina na sociedade.

No Rio de Janeiro, inspirado nos movimentos feministas que se desenvolviam na Europa e nos Estados Unidos, com o apoio da ONU e da Associação Brasileira de Imprensa, é promovida uma semana de debates sobre a condição feminina. Após o encontro, foi criado o Centro da Mulher Brasileira, no Rio de Janeiro e em São Paulo, que se constitui em um marco no sentido de propor a atuar enquanto organização especificamente feminista. (COSTA; SARDENBERG, 2008).

Nessa mesma época, o governo militar passa a se preocupar em estender sua comunicação oficial para a região Amazônica, especialmente por meio do rádio. Em 11 de julho de 1976, no 1º Caderno, o Jornal do Brasil apresentou uma matéria, de uma página inteira, com um panorama da radiodifusão brasileira. Ao tratar da mudança de frequência e do aumento de potência (facultativo), a publicação destacou que o Brasil teria mais 70 canais em onda médias, sendo que 33 eram reservados à Empresa Brasileira de Radiodifusão (Radiobrás), órgão criado em 1976, e que seriam implantados principalmente nas regiões consideradas de baixa densidade geográfica.

A implantação dessas emissoras de rádios ocorre dentro da chamada Doutrina de Segurança Nacional, que no campo da comunicação também incluiu a criação de um sistema de transmissão em Ondas Curtas (OC), direcionado à Região Amazônica, por meio da Rádio Nacional de Brasília. Em junho de 1977, o serviço internacional da Radiobrás, que já

funcionava desde 1972, foi temporariamente suspenso para que toda a atenção fosse direcionada à região amazônica. Fruto desse trabalho, nasceu o Núcleo de Programação para a Amazônia (Nupa), dirigido por Rita Furtado, que futuramente se tornaria deputada federal pelo estado de Rondônia. (NEUBERGER, 2012; SAROLDI; MOREIRA, 2005).

Uma das preocupações do Governo Militar era a de combater a penetração de emissoras estrangeiras, em especial aquelas que denunciavam a repressão. Ocorre que naquela época, na região Norte e Nordeste do Brasil, as emissoras internacionais, em sua maioria comunistas, dominavam a comunicação. No dia 1º de setembro de 1977, após a solenidade de abertura da Semana da Pátria, o presidente Ernesto Geisel gravou em seu gabinete a mensagem que seria veiculada pela Rádio Nacional de Brasília marcando o início das transmissões em Ondas Curtas para a Amazônia. Na mensagem, ele destacou algumas medidas adotadas, desde o início da Ditadura Militar, com o objetivo de realizar uma maior integração da região amazônica com o restante do país e proporcionar condições para acelerar a participação dessa região no desenvolvimento do Brasil. (FERRARETTO, 2001; SAROLDI; MOREIRA, 2005).

Logo após as transmissões oficiais do governo, entrou no ar a programação experimental da Rádio Nacional de Brasília para a Amazônia, na frequência de 11.780 KHz, com potência de 250 KW. Durante muitos anos, a Rádio Nacional da Amazônia se identificou como Rádio Nacional de Brasília, programação da Amazônia. A radialista e cantora Márcia Ferreira foi a primeira mulher a falar nos microfones da emissora. Aos poucos a grade de programação direcionada à população da região amazônica foi ganhando corpo. Ainda no primeiro ano, seis programas integraram a grade de transmissão. (PAIXÃO, 2019; 2016).

*O Pergunte o que quiser* foi um marco, especialmente pela participação dos ouvintes. O programa entrou no ar em 1977 e conquistou grande audiência com a apresentação de Márcia Ferreira e Edelson Moura. O *Viajando pelo Brasil*, que transmitia informações sobre a economia, riquezas e história das regiões, estados e municípios. Outro destaque foi o *Revista da Semana*, veiculado aos sábados, que falava sobre os acontecimentos importantes ocorridos durante a semana, com entrevistas especiais e comentários. Destaca-se ainda os programas *Alma das coisas*, com a produção de Oliveira Lima e apresentação de Clemente Drago; e *Cantigas de Toda Gente*, com apresentação de Márcia Ferreira, que divulgava a música folclórica e regional com explicações do significado das canções, origem e importância cultural. (PAIXÃO, 2019; 2016).

Para Batista (2006), o principal desafio enfrentado pela emissora no início das suas transmissões foi conseguir refletir na programação a realidade da diversidade de público espalhado pela região amazônica. Ela destaca que dois fatores foram essenciais nesse processo: o recebimento de cartas e o contato direto com as comunidades do interior do Brasil.

Tinha-se, neste momento, o desafio de construir a identidade da programação da emissora, que ainda era identificada como Rádio Nacional de Brasília, programação da Amazônia. Um vídeo institucional produzido em 1987 pela TV Nacional - Canal 02 sobre a Radiobrás (RADIOBRÁS, 1985), corrobora com essa ideia e demonstra como o desafio apresentado por Batista (2006) estava sendo superado. O vídeo destacou que a emissora recebia uma média de 17 mil cartas mensalmente, enviadas de todos os estados brasileiros e do exterior.

Vale retomar Batista (2006, p. 31), que apresenta dados sobre o recebimento de cartas nos primeiros meses das transmissões direcionadas à população da região amazônica, para entendermos como os números foram se ampliando. “Quando a rádio foi inaugurada, o número de cartas não ultrapassava 90 em cada mês. Após um ano, esse número subiu para 2.000. As cartas demonstravam a satisfação dos ouvintes de serem atendidos pela rádio”.

Aos poucos, o horário de transmissão também foi se ampliando e surgiram novos programas. Em 1978, já existiam 19 programas distribuídos ao longo da semana e transmitidos por oito horas e 55 minutos diários, dentre eles o programa *Mundo Mulher*, que havia estreado naquele ano e que é considerado o primeiro programa direcionado ao público feminino da Rádio Nacional da Amazônia. Foi justamente neste programa que surgiu o primeiro quadro de radioteatro da emissora, *Laurita e Ducarmo*.

### **Mundo Mulher: um Espaço para a Mulher da Amazônia**

Por mais que a Rádio Nacional da Amazônia tenha se tornado um espaço popular, com a participação ativa dos ouvintes, a sua principal função, em seus primeiros anos, era disseminar assuntos de interesse do governo militar. Nesse contexto, o nome do programa *Mundo Mulher* chega a ser ousado para a época, mas, na prática, não representa grandes conquistas para o público feminino. Conforme Ferraretto (2001), as emissoras que contrariassem as normas militares poderiam ter as outorgas cassadas. Durante o período militar, as concessões contribuíram para a estabilidade dos governos militares que, podiam

suspender o trabalho das empresas de radiodifusão, caso não cumprissem as normas estabelecidas pelos quartéis.

A relação com o ouvinte e a participação ativa nos programas fez da Rádio Nacional da Amazônia uma potência de comunicação, mas engana-se quem pensa que tudo era sonho e magia. Em outubro de 1981, a pesquisadora Regina Festa esteve na região de Santarém, oeste do Pará, e entrevistou o então presidente do Sindicato Rural do município, Geraldo Pastana, que falou da importância e do objetivo da emissora.

Bom, ela é uma rádio da Radiobrás. Esse objetivo falado de fazer frente às rádios estrangeiras, isso procede. Mas o objetivo maior é fazer com que as comunidades mantenham suas esperanças voltadas para o Estado, que confiem nas decisões do Estado. É fazer com que as comunidades não se organizem, não procurem um futuro conquistado por elas próprias. Agora, ela presta alguns serviços para poder criar uma rede, uma clientela, que são os recados para o garimpo, para os seringais, para as vilas distantes. Ela manda recados para todos os cantos do Amazonas, Pará, Maranhão, Macapá, Acre, Roraima, toda essa área. Então, o pessoal começa a ouvir seus nomes na rádio, algumas vezes atendendo um pedido, e começam a sentir que estão sendo úteis de alguma forma. (FESTA, 1986, p. 7).

Os profissionais que atuavam na Rádio Nacional da Amazônia, a exemplo de Edelson Moura e Márcia Ferreira, também ajudavam na defesa dos interesses do governo militar, por meio de visitas ao interior do país. Pela influência que tinham, com suas visitas, eles conseguiam desarticular a população que de alguma forma tentasse se mobilizar contra alguma ação do governo. Esses fatos ajudam a refletir sobre a proposta da programação da Rádio Nacional da Amazônia e o contexto em que os programas estavam inseridos (PAIXÃO, 2019). Desse modo, a criação do programa *Mundo Mulher* pode ser pensada, na perspectiva de Gomes (2004), como um espaço criado para dar vozes às questões femininas, porém a abordagem segue a perspectiva dos detentores dos poderes políticos, ou seja, dos dominadores.

O programa *Mundo Mulher* foi criado em 1978, por Lucimar Gonzatto, uma das primeiras locutoras e produtoras da emissora, com a proposta de abrir um novo espaço para as mulheres da região amazônica. Levado ao ar de segunda a sexta-feira, no período da tarde, o programa era apresentado por Lucimar Gonzatto e Célio Rodrigues, que atendiam as cartas das ouvintes com o objetivo de esclarecer dúvidas com relação ao universo feminino, especialmente a assuntos ligados à saúde da mulher. (RÁDIO NACIONAL, 1987).

Luiza Inez Vilela assumiu a produção do *Mundo Mulher* logo nos primeiros meses e ajudou a marcar uma nova fase na programação da Rádio Nacional da Amazônia, ao



implementar a produção de radioteatro na emissora. À época, o gênero era incipiente na programação, e o destaque ficava por conta da veiculação de produções da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, como ‘Poronga, Terçado e Coragem’ e ‘Heróis Anônimos’. (PAIXÃO, 2019).

Ele começou em 1978 e sua produtora era a Malu, só que ela ficou muito pouco tempo aqui com a gente, então eu assumi a produção do *Mundo Mulher*, foi aí que nós criamos um quadro chamado *Laurita e Ducarmo*, eu era a Laurita – foi a minha estreia como locutora – e a Nívia Maria era a Ducarmo. Então, eram assim pequenas histórias que eu escrevia e que procuravam ensinar alguma coisa sobre a saúde, sobre higiene, né, as coisas do dia-a-dia, depois a Nívia saiu da história e entrou a prima da Ducarmo, a Socorro, que foi feita por Artemisa Azevedo, foi também a estreia da Artemisa na locução. A Laurita era sabichona, que dava os conselhos, que sabia de tudo e tal, e a Socorro era a que estava por fora, sempre por fora. Mas as duas se davam muito bem. (RÁDIO NACIONAL, 1987).

Assim, de forma didática, por meio das histórias, quase sempre ligadas ao ambiente doméstico, as duas personagens conseguiam transmitir as informações para o público. “Mas era divertido, tanto era divertido gravar, porque a gente tinha que inventar mil situações, aliás às vezes a gente se apertava um bocado, porque todo dia inventar uma historinha, transformar alguma queimadura, um vermezinho em uma história não era fácil”. (VILELLA, 2017, s.p.).

Em uma das histórias levadas ao ar em 1979, quando o quadro já havia passado a se chamar *Laurita e Socorro*, o assunto abordado foi a insolação, um mal-estar decorrente da exposição prolongada ao sol intenso ou ao calor excessivo.

**Socorro** - Menino, sai desse sol! Aí, meu Deus! Você está descalço, Pedrinho?! Calça a sandália meu filho! Oh, meu filho!

**Laurita** - Mas que gritaria danada é essa, Socorro? O que está acontecendo?

**Socorro** - Laurita, é o Pedrinho debaixo desse sol e, ainda, descalço. Pode, Laurita?

**Laurita** - Ah, não pode não! Ele pode pegar uma insolação.

**Socorro** - Insola..., o quê?

**Laurita** - Insolação, Socorro. In-so-la-ção. Pegando muito sol, a pessoa se desidrata, perde muita água. Aí, pega insolação, é perigoso.

**Socorro** - Ave Maria! Pedrinho, volta aqui menino! Sai desse sol!

**Laurita** - Ah, e ele, ainda por cima, está descalço. Ah, mais isso também é muito perigoso!

**Socorro** - É? Por que Laurita?

**Laurita** - Ora, Socorro! Sabe o que é? Tem os micróbios, na terra ficam os micróbios. Então, os micróbios entram pelos pés da pessoa se ela estiver descalço, aí já viu, é doença na certa!

**Socorro** - Puxa! Ah, que bom que você me falou essas coisas Laurita. Deixa eu ir buscar esse menino. Oh Pedrinho! Pedrinho! Pedrinho, venha cá menino! Venha cá danado! Venha cá!

**Laurita** - Essa Socorro.... (30 ANOS DA RÁDIO NACIONAL, 2007, s.p.).

O quadro *Laurita e Socorro* ficou pouco tempo no ar, deixou de ser veiculado quando Luiza Inez passou a produzir outro programa, o *Domingo Nacional* (RÁDIO NACIONAL, 1987). Nessa fase embrionária do radioteatro na emissora, o texto simples era alinhado a uma trilha padrão e não eram utilizados muitos efeitos. Entre outras atrações que integravam o *Mundo Mulher* também estavam entrevistas realizadas com artistas. Em 1978, por exemplo, Pereira Lima conversou com a dupla Dom e Ravel, o entrevistador logo na primeira pergunta fez o seguinte comentário: “Mas Dom e Ravel, nós estamos falando para um programa de mulher, programa da mulher brasileira e vocês sabem que as mulheres brasileiras gostam muito de saber o signo do seu ídolo, digamos assim, e eu sei que Dom e Ravel são ídolos da mulher brasileira” (RÁDIO NACIONAL, 1978). O bate papo, carregado de estereótipos, só ganhou um tom mais engajado quando os artistas foram convidados comentar sobre a mulher brasileira, Dom destacou:

Eu acho que a mulher brasileira, ela está agora passando para uma nova fase, uma nova realidade, ela está tomando conhecimento, agora, de aspectos importantes da vida social, do seu valor no que diz respeito a construção da nossa sociedade, do nosso país, e é com muita alegria que a gente ver a mulher, hoje em dia, não somente reservada no seu lar, não somente vivendo para as atividades domésticas. Já temos a mulher, hoje em dia, despontando inclusive na política brasileira, como uma senhora que nós tivemos a oportunidade de conhecermos pessoalmente. E aproveitamos aqui para parabenizar o povo da Amazônia porque ela veio de lá. (ENTREVISTA DOM E RAVEL, 1978).

Na sequência, o entrevistador e Dom puxaram pela memória o nome de algumas mulheres que estavam despontando na política naquela época e citaram Eunice Mafalda Berger Michiles, primeira mulher a ocupar um lugar no Senado Federal depois da Princesa Isabel. Eunice ocupou o cargo pelo Estado do Amazonas. Outras mulheres citadas foram: Lígia Maria Lessa Bastos, então deputada estadual pelo Estado do Rio de Janeiro; e Cândida Ivete Vargas Martins, na época deputada federal pelo Estado de São Paulo.

Além da entrevista com Dom e Ravel, também foram identificadas na Gerência de Acervo das Rádios EBC, em Brasília, mais algumas entrevistas com artistas que participaram do programa, destaque para o cantores Roberto Carlos, Chico Buarque e Sérgio Reis. Essas entrevistas já estão mais estruturadas em torno da vida dos artistas e não abordam questões ligadas ao universo feminino.

No programa, também eram atendidos os pedidos musicais das ouvintes, dados recados e passadas receitas. Além disso, o *Mundo Mulher* respondia às dúvidas dos ouvintes,

considerando o que já foi citado anteriormente, desde que não fossem assuntos que ferissem os interesses do Estado. As ouvintes ainda recebiam informações sobre os signos do horóscopo. Mas pelo que parece o nome do programa não pegou, conforme destacou Artemisa Azevedo, no especial de 10 anos da Rádio Nacional da Amazônia. “Ela [Lucimar Gonzatto] apresentava o programa junto com o Célio Rodrigues e um dia ela resolveu mudar para melhor o *Mundo Mulher* e mudou o nome do programa, passou para *Roda Viva*”. (RÁDIO NACIONAL, 1987).

Na fase de *Roda Viva*, o programa também começou com a produção de Lucimar Gonzatto, que passou a fazer a apresentação junto com o Paulo Torres e com uma promoção que foi grande sucesso, a distribuição de sementes. Os ouvintes escreviam as cartas que eram respondidas com as sementes. “Foram distribuídas, assim, milhares de sementes de legumes e verduras para toda a Amazônia, e a ideia era incentivar o cultivo da horta caseira e da horta comunitária procurando, então, melhorar o nível da alimentação da população”. (RÁDIO NACIONAL, 1987).

Lucimar Gonzatto ficou na apresentação do programa *Roda Viva* até 1980, quando saiu da Rádio Nacional da Amazônia e foi morar em Rondônia. Posteriormente, o programa seria apresentado por Paulo Torres, Artemisa Azevedo e Márcia Ferreira, que na apresentação do programa ficariam conhecidos como Trio PAM. Quem lembra dessa fase do programa é Artemisa Azevedo: “Programa dedicado à mulher, e nós temos de tudo de um programa que possa interessar a mulher, desde receita, falamos sobre moda, saúde, direito da mulher [...], tem o consultório sentimental, que é o *Cada Vida Uma História*, que responde as cartinhas dos gatinhos e das gatinhas sofredores da Amazônia”. (RÁDIO NACIONAL, 1987).

O quadro *Cada Vida Uma História* foi criado para o programa *Roda Viva* por Luiza Inez, que escrevia as respostas para as dúvidas sentimentais dos ouvintes. Décio Caldeira encarnava Rafael Goes na hora de lê-las. Após a morte de Décio Caldeira, em 1984, a própria Luiza Inez passou a ler as respostas no ar. (VILELLA, 2017, s.p.).

Foram momentos de muito aprendizado humano, porque as pessoas abriam o coração, falavam de coisas horríveis, de tragédias pessoais [...]. Eu me lembro que era muito comum as meninas escreverem dizendo: “Ah, o meu namorado está me pressionando para gente transar, faço ou não faço?” Ou, então, “depois que eu transei ele sumiu e ele disse que me amava”. São dramas que acompanham, até hoje, as pessoas. Aí ia responder e falar. Então, aquela coisa, “o meu marido me bate eu não sei se separo ou se eu continuo com ele”. Você ter toda aquela compreensão. Eu fazia aquilo com tanto amor, Artemisa, eu me enchia assim de dor. Eu realmente me lembro

com muito carinho desse trabalho que eu fiz aqui, porque era um trabalho de muito amor. (VILELLA, 2017, s.p.).

Durante as pesquisas no acervo da Empresa Brasil de Comunicação (EBC) e das entrevistas realizadas por Cláudio Paixão para sua dissertação de mestrado, foi verificado que outro quadro de grande sucesso, nos primeiros anos do programa *Roda Viva*, foi o *Clube de Receitas*. Nele os ouvintes escreviam uma carta com uma receita e recebiam da produção da Rádio Nacional da Amazônia duas receitas. Após receber essas receitas, os ouvintes voltavam a escrever para dizer qual era a melhor receita do mês e participavam do sorteio de um livrinho de receitas, que ocorria no final de cada mês. Em 1989, a Rádio Nacional da Amazônia passou por algumas transformações e os programas *Roda Viva* e o *Pergunte o que Quiser*, com quem dividia o horário da tarde, deixam de existir e no lugar dos dois estreia o *Programa da Tarde*, no qual os locutores se revezam a cada duas horas. Nessa época, o *Roda Viva* já era apresentado apenas por Artemisa Azevedo e Márcia Ferreira.

### **Considerações Finais**

A história do rádio brasileiro se desenvolveu em débito com as mulheres, que não tiveram um papel de protagonistas nos primeiros anos da história desse meio de comunicação. O espaço conquistado por elas, inicialmente, se deu em função dos seus talentos musicais, que as possibilitaram de participar esporadicamente dos programas de auditório e, posteriormente, passaram a apresentar programas ligados ao ambiente do lar, reforçando a imagem de mulheres mãe, esposa e donas de casa.

Criada em 1977, a Rádio Nacional da Amazônia assumiu a missão de integrar a população da região amazônica com o restante do país. Por ter surgido dentro do período militar, a emissora era limitada pelos interesses do governo e, por mais que o surgimento de programas como o *Mundo Mulher* sinalizem para uma democratização do espaço da programação, eles tinham limitações, como nesse caso específico, o reforço a imagem das mulheres restritas ao ambiente doméstico.

Por outro lado, a abordagem do programa também sinalizava para uma mudança do papel da mulher dentro da sociedade, sendo que algumas pautas levantadas estavam à frente do que era defendido na época. Entende-se que esse fenômeno se dá pelo fato de que quando um programa se propõe a discutir questões ligadas ao universo feminino, não significa exatamente que ele responderá aos interesses das mulheres, sendo necessário, primeiramente,

considerar a serviço de quem ele está falando e o contexto social em que está inserido, porém as influências nunca são unilaterais, embora tenha um lado que se sobressai.

Ao olhar a programação da Rádio Nacional da Amazônia, a partir dos pontos que aqui foram apresentados, pode-se perceber que a emissora, desde o início das suas transmissões, contou com a participação significativa de mulheres em seu quadro de profissionais. Além disso, com o programa *Mundo Mulher* abriu um importante passo no sentido de divulgar assuntos para o empoderamento feminino. O *Mundo Mulher* foi criado, especialmente, para falar com o público feminino, mas não se pode deixar de considerar o cenário em que ele estava inserido e que foi apresentado aqui. Assim, o lugar construído socialmente e culturalmente para as mulheres, dentro do contexto político, hegemônico, coloca-as em um cenário em que o dominador espera que elas estejam e não no espaço que elas lutam para ocupar.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, D. B. **O papel do rádio no fornecimento de informações às comunidades locais:** um estudo de caso do programa Ponto de Encontro, da Rádio Nacional da Amazônia. 2006. 76f. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) - Centro Universitário de Brasília - Faculdade De Ciências Sociais Aplicadas/Fasa, Brasília, 2006. Disponível em: <https://slidex.tips/downloadFile/o-papel-do-radio-no-fornecimento-de-informacoes-as-comunidades-locais-um-estudo-d>. Acesso em: 10 mar. 2018.

BRASIL. **Decreto nº 21.111, de 1º de março de 1932.** Aprova o regulamento para a execução dos serviços de radiocomunicação no território nacional. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21111-1-marco-1932-498282-publicacaooriginal-81840-pe.html>. Acesso em: 16 ago. 2018.

BITTONI, D. H. S. **Mulher de papel:** a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Loyola, 1981.

CALABRE, L. **O rádio na sintonia do tempo:** radionovelas e cotidiano (1940-1946). Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2006.

CALABRE, L. A participação do rádio no cotidiano da sociedade brasileira (1923-1960). **Fundação Casa de Rui Barbosa.** Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/808>. Acesso em: 16 ago. 2018.

CALABRE, Lia. **A Era do Rádio.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

COSTA, A. A.; SARDENBERG, C. M. O feminismo no Brasil: uma (breve) retrospectiva. *In*. COSTA, A. A.; SARDENBERG, C. M. **O feminismo no Brasil:** reflexões teóricas e perspectivas. Salvador: NEIM/UFBA. 2008.

FERRARETTO, L. A. **Rádio: o veículo, a história e a técnica.** Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

FESTA, R. Comunicação na selva amazônica. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v.9, n.54, 1986. Disponível em:

<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/1955/1756>. Acesso em: 23 maio 2018.

GEISEL, E. **Discursos. Volume IV. 1977.** Assessoria de Imprensa da Presidência da República. 1978. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/publicacoes-oficiais/catalogo/geisel/discursos-vol-iv-1977/@@download/file/Discursos%20-%20vol.IV%20-%201977.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2018.

GOMES, W. **Transformações da política na era da comunicação de massa.** São Paulo: Paulus, 2004.

ENTREVISTA COM DOM E RAVEL. Mundo Mulher, Brasília (DF): **Rádio Nacional de Brasília, programação da Amazônia**, 1978. (Programa de rádio).

FERREIRA, M. Pela Nacional da Amazônia, Márcia Ferreira e o "Chorando se Foi" ganharam o mundo. **Rádio Nacional da Amazônia**, Brasília, 30 ago. 2012. Entrevista a Juliana Maya. Disponível em: <http://radioagencianacional.ebc.com.br/materia/2012-08-30/pela-nacional-da-amaz%C3%B4nia-m%C3%A1rcia-ferreira-e-o-chorando-se-foi-ganharam-o-mundo>. Acesso em: 15 mar. 2018.

NEUBERGER, R. S. A. **O rádio na era da convergência das mídias.** Cruz das Almas, BA: UFRB, 2012. Disponível em: <https://blog.ufba.br/portaldoradio/files/2012/10/O-r%C3%A1dio-na-era-da-converg%C3%A2ncia1.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2021.

ORTRIWANO, G. S. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos.** 3. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

PAIXÃO, C. P. Na memória do rádio – Início das transmissões da Rádio Nacional da Amazônia completa 39 anos. **Na Trilha do Rádio**, Palmas, ago., 2016. Disponível em: <http://natrilhadoradio.blogspot.com/2016/08/na-memoria-do-radio-inicio-das.html?m=1>. Acesso em: 10 abr. 2021.

PAIXÃO, C. P. **Radionovelas: o cotidiano da população amazônica nas produções da Rádio Nacional da Amazônia (1977 a 2019).** 2019. 156 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Comunicação e Sociedade) - Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociedade, Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2019.

RADIOBRÁS. **Institucional Radiobrás.** 1987. (10m23s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4OogSEO5eS0>. Acesso em: 12 out. 2018.

RÁDIO NACIONAL DA AMAZÔNIA. 1º de setembro de 1987. Arquivo de áudio. Acervo próprio.

RÁDIO NACIONAL. **Rádio Nacional da Amazônia, 30 Anos com Você.** Brasília: Rádio Nacional da Amazônia, 2007. Série de Rádio [episódio sete]. Acervo próprio.

SAROLDI, L. C.; MOREIRA, S. V. **Rádio Nacional: o Brasil em sintonia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

SARTI, C. A. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 12, v. 2, p. 264, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n2/23959.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2013.

SOUZA-LOBO, E. **A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência**. São Paulo: Brasiliense/Secretaria Municipal de Cultura, 1991.

TESSER, T. C. **De passagem pelos nossos estúdios: a presença feminina no início do Rádio no Rio de Janeiro e São Paulo, 1923-1943**. Santos: Editora Universitária Leopoldianum, 2011.

VAZ FILHO, S. Fragmentos impressos sobre a história da centenária Rádio Clube de Pernambuco. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 43, Salvador, 2020. **Anais [...]**. Salvador: Intercom, 2020. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-2441-1.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021.

VILELLA, L. I. Apresentadora Luiza Inez fala sobre sua história na Rádio Nacional da Amazônia. Brasília: 2017. **Rádio Nacional da Amazônia**, Brasília, jul. 2017. Entrevista concedida a jornalista Artemisa Azevedo. Disponível em: <http://radios.ebc.com.br/conexao-amazonia/2017/07/apresentadora-luiza-inez-vilela-fala-sobre-sua-historia-na-nacional-da>. Acesso em: 12 out. 2018.